

Flávio Venturini
canta e celebra
50 anos de
estrada neste
sábado no
Circo Voador

AFFONSO NUNES

Flávio Venturini pertence a uma linhagem rara de compositores, aqueles que transformam suas criações em verdadeiros hits cantados pelo país inteiro. Aos 75 anos, o artista mineiro celebra meio século de estrada com uma obra que atravessa o tempo sem perder a luminosidade. Quem de nós nunca cantarolou lindezas como “Todo Azul do Mar”, “Nascente”, “Linda Juventude” e “Espanhola”? Neste sábado (22) apresenta no Circo Voador show da turnê que celebra esta trajetória brilhante.

Trajetória que se confunde com os momentos notáveis de nossa canção popular brasileira. Lá no começo da caminhada Flávio integrou O Terço, banda de rock progressivo cujo disco “Criaturas da Noite”, de 1975, é referência no gênero. Foi um dos artistas ativos do Clube da Esquina, o movimento que redesenhou a MPB a partir de Belo Horizonte, ao lado de Milton Nascimento, Beto Guedes e Lô Borges. Fundou o 14 Bis, grupo cujo primeiro álbum foi produzido pelo próprio Milton, e em 1982 estreou na carreira solo com “Nascente”, gravada em dueto com o Bituca. “Meu grande sonho era formar uma banda”,

Um hitmaker e 50 anos de sucessos



Divulgação

Flávio
Venturini:
cinco
décadas
de sucesso

relembra o compositor. Desde então, nunca parou de compor.

O show que agora chega ao Circo baseia-se no álbum “Minha História”, lançado em dezembro de 2025 pela Top Cat Produções em parceria com a Biscoito Fino. Produzido por Torcuato Mariano, o disco reúne onze faixas revisitadas com participações que refeltem a reverência que sua obra desperta entre colegas de ofício: Djavan, Ney Matogrosso, Frejat, Ivete Sangalo, Vanessa da Mata, Guilherme Arantes, Jota Quest, Ritchie,

Gloria Groove, Ana Cañas e Gabi Melim. “Acho que o relacionamento com os artistas proporcionou os melhores momentos deste projeto: eles chegaram com o peito aberto para cantar, trocar ideias, apoiar o meu trabalho”, disse Venturini sobre os duetos. A turnê, com direção geral de Jorge Espírito Santo, já passou por São Paulo e Belo Horizonte emocionando. Não podia ser diferente.

No palco, além das canções do novo disco, o mineiro entrega clássicos atemporais e a emocionada

interpretação de “Princesa”, canção escrita em 1982 para a esposa, a atriz Cintia Grillo, falecida de câncer em 2024.

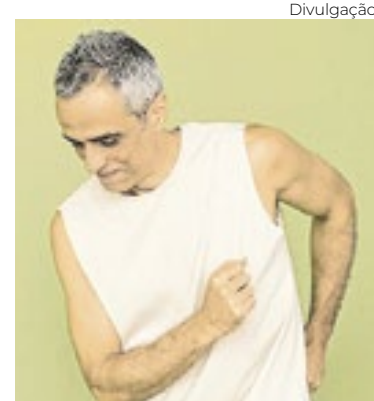
SERVIÇO

FLÁVIO VENTURINI

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

22/8, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia e ingresso solidário, válido com 1 kg de alimento)



Divulgação

Rodrigo Maranhão

Rodrigo Maranhão de volta à autoralidade

Depois de um período afastado do estúdio, a música o puxou Rodrigo Maranhão de volta. O resultado desse chamado é “O Amor e o Tempo”, sexto álbum da carreira, lançado em 28 de janeiro pela MPB em parceria com a Som Livre, e que agora chega ao palco do Manouche neste sábado (22), em apresentação única no Manouche.

Sua assinatura costuma aparecer nas entrelinhas da cena musical. Fundador do Bangalafumenga em 1998 — bloco que se tornou fenômeno de massa com repertório que vai do samba ao funk —, Maranhão construiu seu nome primeiro como compositor. “Caminho das Águas”, gravada por Maria Rita, lhe rendeu o Grammy Latino de Melhor Canção Brasileira em 2006. A estreia solo veio no ano seguinte, com “Bordado” (2007), álbum que reunia canções suas já conhecidas nas vozes de Maria Rita, Roberta Sá e Zélia Duncan e lhe valeu o Prêmio da Música Brasileira de revelação. Vieram depois “Mercado das Flores” (2022) e “Isso Não É Maranhão” (2024), este último um disco de intérprete. Agora, ele retoma sua interessante voz autoral.

“Em outros discos que fiz, queria as coisas do meu jeito, tinha muitas certezas, estava fechado no meu mundo acústico”, afirmou. “Nesse disco queria ser surpreendido. O disco é nosso.” O “nosso” inclui João Viana, que assina a produção musical e a bateria. A amizade veio antes da parceria. Viana acompanhou todo o processo pré-disco e, quando Maranhão se sentiu pronto para voltar, não havia outra escolha. “É muito importante para mim juntar competência e afeto”, disse o compositor. (A. N.)

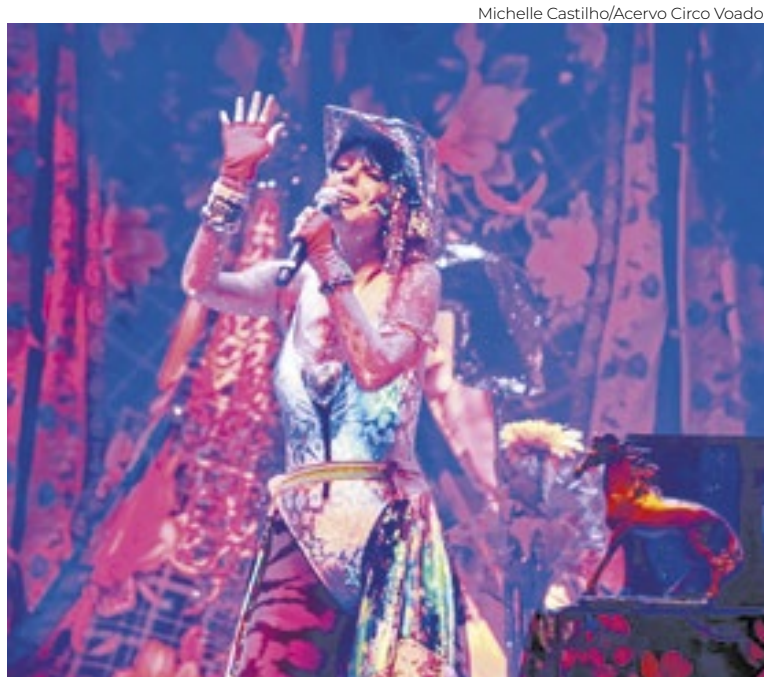
SERVIÇO

RODRIGO MARANHÃO - O MAIOR E O TEMPO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 — subsolo da Casa Camolese)

22/8, às 21h

Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia e ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível ou livro para doação)



Michelle Castilho/Acervo Circo Voador

Máeana durante show da turnê na lona do Circo, em 2023

A despedida tem o trio Mana Flor na abertura, em seu primeiro show no Circo. O grupo mistura forró pé de serra e MPB desde 2008. A combinação promete noite que começa quente e termina em brasa. (A. N.)

SERVIÇO

MÃEANA CANTA JG

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

21/8, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos esgotados

A ponte que levou João Gomes a João Gilberto (ou vice-versa)

Mãeana encerra turnê que criou a ‘pisa nova’ nesta sexta no Circo Voador

João Gilberto nasceu em Juazeiro, na Bahia. João Gomes, em Petrolina, Pernambuco. Entre as duas cidades existe uma ponte cruzando o Rio São Francisco. Foi com a imagem dessa ponte que Mãeana concebeu o álbum “Mãeana Canta JG”, uma fusão inusitada da sonoridade do pai da bossa nova com o criador do piseiro. Depois de rodar Brasil e Europa por três anos, a turnê se encerra nesta sexta-feira (21), às 22h, em apresentação com ingressos esgotados no Circo Voador.

“Como já nasci ouvindo bossa

nova e tudo o mais que foi influenciado por ela, para mim, sempre foi natural. Mas nada me impactou tanto como o piseiro”, disse Mãeana em entrevista na ocasião do lançamento do trabalho em que o samba de Gilberto se reaproxima do bolero e o piseiro de Gomes encontra a vasourinha e o tambor.

Mãeana conta que o projeto nasceu de residência artística na Casa da Mãe, em Salvador. O resultado, batizado pela artista como “pisa nova” soa óbvio, mas só depois de ouvido.